

PELO ESTADO

HISTÓRIA ABANDONADA

Casas de estuque: tradição que pode desaparecer

Os poucos imóveis que ainda restam no interior estão abandonados ou usados como depósito

▄ ZENILTON CUSTÓDIO
linhares@redgazeta.com.br

Quem percorre o interior do Espírito Santo ainda encontra algumas casas de estuque ou de pau a pique – simples construções rurais típicas do início do processo de colonização. Mas na maioria das vezes, entretanto, os imóveis estão abandonados ou sendo utilizados apenas como depósito.

Popularmente conhecida como casa de barro, a estrutura física é feita de uma armação formada por ripas ou bambu amar-

radas por cipó e cobertas por camadas de barro.

A opção por este tipo de moradia, segundo a arquiteta Mônica Ferraz Falcão, era muito comum no século passado, devido às dificuldades de acesso a determinadas regiões do interior do país. Apesar da simplicidade, se a técnica não for usada de forma adequada, a estrutura não resiste muito tempo.

Este não é o caso da casa de estuque de propriedade do produtor rural Jacinto Soprani, 59 anos, morador da região do Córrego do Farias, interior de Linhares. Segundo ele, o imóvel tem, no mínimo, 90 anos e, apesar de não receber nenhum tipo de manutenção, permanece

de pé. “Hoje, a casa não é mais usada, mas mantenho o imóvel na expectativa de que ele seja tombado como patrimônio histórico, pois foi uma das primeiras moradias da região”.

Muitos trabalhadores rurais, entretanto, ainda vivem em casas de pau a pique. É o caso da família do lavrador Diomedes Souza Silva, 39, da região de Cedro Grande, interior de Rio Bananal. No seu caso, entretanto, a estrutura é bem mais simples. O piso é de chão de terra, o que confere ao imóvel condições inadequadas de moradia.

“Tem que dar uma reforma, pois os insetos usam os buracos da casa como moradia”, comentou.



A família do trabalhador rural Diomedes Souza ainda vive em casa de pau a pique

ZENILTON CUSTÓDIO

Valor da madeira é atrativo

▄ A valorização da madeira usada nas casas de estuque, geralmente materiais nobres extraídos de florestas nativas, se constitui no principal incentivo para o desmonte dos imóveis. Na região de Acióli, várias

casas foram demolidas.

Joaquim Scárdua Moreira Cunha, 67 anos, afirma que faturou R\$ 12 mil com a venda da madeira de uma casa, herdada dos pais. Mas hoje ele se arrepende. “Já gastei o dinheiro e jo-

guei fora um patrimônio de mais de 60 anos”.

Segundo o produtor, as peças de madeira adquiridas das casas de estuque, geralmente são transformadas em móveis e são compradas por pessoas das regiões urbanas.